

ENCONTRO DOS LÍDERES BORORO

União e fim do silêncio

Uma arma contra as corrupções da Funai. Assim foi definida pelos Bororo de oito aldeias a assembléia que reuniu, em agosto último, cerca de 200 representantes desse povo, na reserva de Meruri, município de General Carneiro, MT. Depois de 81 anos sem discutir seus problemas em conjunto, os Bororo resolveram retomar o antigo costume de se reunir, como faziam antes da chegada dos brancos à região. Logo após o término do encontro, já começaram a ser encaminhadas as decisões tomadas. O primeiro passo foi a ida de uma comissão de oito líderes a Brasília, para entregar ao presidente da Funai um documento (ver íntegra abaixo) onde denunciavam os desmandos de funcionários da 5ª Delegacia Regional.

Organizar uma comissão, composta de representantes de todas as aldeias, para fazer um levantamento pormenorizado da atuação da Funai em cada aldeia e dos invasores de suas terras foi outra das decisões da assembléia. Após o levantamento, os Bororo pretendem entregar uma carta a cada fazendeiro que vive dentro de suas reservas, dando um prazo para eles se retirarem do local. Eles decidiram também entregar uma cópia do levantamento aos prefeitos da região, Governador do Estado, delegacias e Presidência da Funai e para todas as entidades de apoio ao índio. "A gente não vai trabalhar escondi-

do. Se um índio morrer ou se um branco morrer, todo mundo vai ficar sabendo, pois já foi avisado", afirma Paulo Meriekureu, chefe do Departamento de Planejamento Bororo.

Na audiência com Otávio Ferreira Lima, dia 2 de setembro, os Bororo pediram a não intervenção da 5ª e da 7ª DRs durante o levantamento das terras e das irregularidades. Eles denunciaram a atuação de Eleuzário Fermão, Chefe do PI Tadarimana, que proibe a entrada de índios de outras aldeias nesse local e constantemente faz ameaças de prisão aos índios que tentam se organizar.

Henrique Atruagaro, que representava a aldeia de Tadarimana, falou sobre a atuação da professora Herta nessa aldeia e pediu sua demissão. Ele a acusou do desvio de 400 sacas de arroz, há dois anos. Acusou-a também pela morte da esposa do cacique de sua aldeia. Segundo ele, a índia estava grávida e morreu a caminho do hospital, devido ao descaso da professora, que demorou três horas para resolver levá-la ao médico.

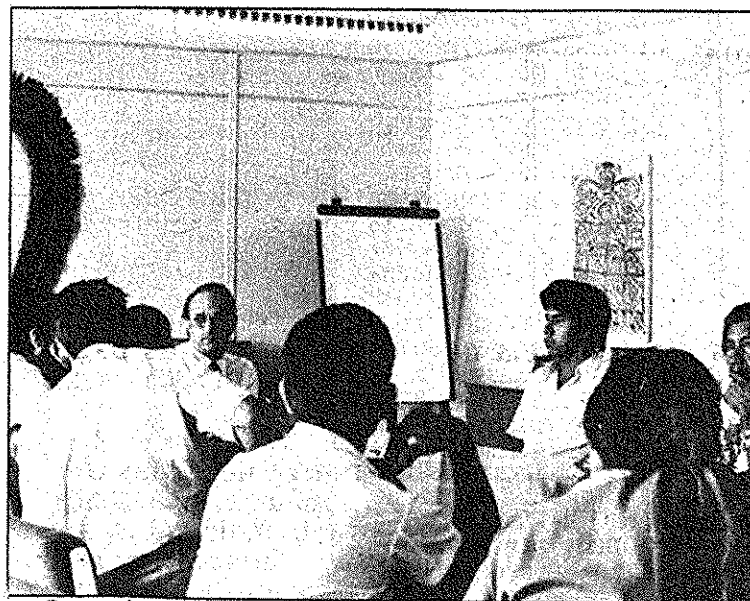
Atruagaro denunciou ainda que nove famílias foram obrigadas a abandonar Tadarimana por não suportarem a pressão do chefe do posto local, que instiga a divisão interna do grupo e o hábito de beber.

O cacique da aldeia de Jarudori, hoje extinta, José Luis Kiarewara, durante a audiência, acentuou que os Bororo

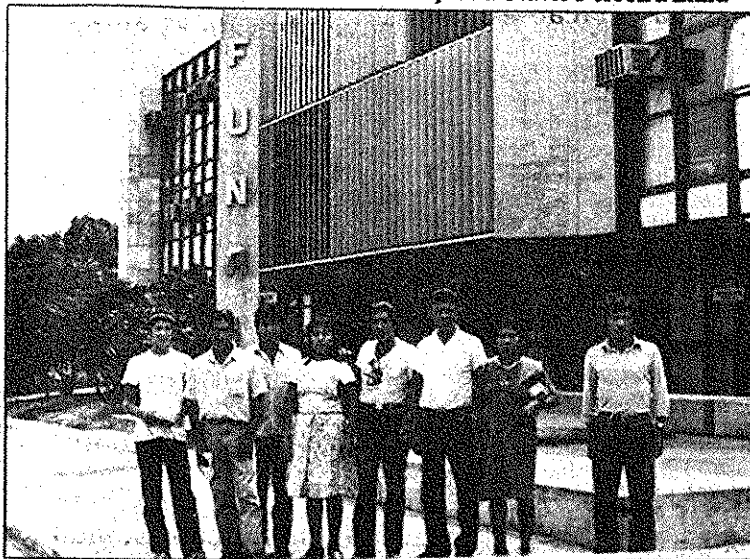
estavam somente cobrando o direito pelas terras que lhes foram destinadas por Rondon. "Não queremos nada além dos nossos direitos", disse ele. Paulo Meriekureu complementou que estavam cobrando um direito que a sociedade deve a eles, pois "desde que o Brasil foi invadido estamos sendo oprimidos: tiraram nossa vida, nossa cultura e a nossa paz".

Ao final da reunião com Ferreira Lima, os Bororo exigiram que o documento entregue, com os pontos tirados na Assembléia de Meruri, não fique arquivado, mas que o órgão tutor resolva os problemas apresentados.

Quando Salu Koiwageceu, cacique de Perigara, convidou os irmãos das aldeias Tadarimana, Meruri, Korogedo Paro (ou Córrego Grande), Piabage, Colônia, Jarudori e Garças para discutir seus problemas em conjunto, recebeu a resposta de que só aceitariam se as propostas tiradas no encontro fossem imediatamente encaminhadas. A idéia deu certo, e o trabalho já começou a ser realizado. As denúncias e reivindicações à Funai foram feitas, apesar de alguns líderes terem sido ameaçados com a prisão quando voltassem a suas aldeias. O levantamento também já começa a ser feito pela comissão, constituída de representantes de todas as áreas. Dessa forma, os Bororo estão mostrando que, apesar de 81 anos de silêncio, não perderam a voz.



Bororo fazem denúncias e reivindicações a Otávio Ferreira Lima



Depois voltam às aldeias para fazer o levantamento em cada reserva

Foto: Ralida Herrera

Documento denuncia funcionários

Com o Primeiro Encontro Nacional dos Líderes Bororo que realizamos nos dias 18 e 19 de Agosto deste ano 83, iniciando na aldeia Jakoregewau e continuando na sede Meruri, com a presença dos caciques da reserva de Perigara, Korogedo Paro (Corgo Grande), Tadarimana, Sangradouro e membros da aldeia Jakoregewau e autoridades de Meruri, tivemos grande oportunidade para analisar os trabalhos dos funcionários da Funai (da 5ª DR) e como também a questão de nossas terras que ainda não é demarcada e outras demarcadas mas não decretadas.

Mas com o presente documento nós autoridades indígenas queremos denunciar fatos que sempre vem realizando nos postos onde tem funcionários da Funai e também do próprio delegado Darcy Alvares da Cunha, cujo o mesmo não está agindo correto por não atender pedidos da liderança (cacique) das reservas dos Bororo. Queremos que este delegado que anda roubando e mentindo para a liderança como para outras tribos que faz parte desta delegacia, que o mesmo seja substituído por pessoa que quer trabalhar ao benefício do índio, como o chefe de Posto de Perigara, Davi, da tribo dos Terena, na qual damos apoio para ser o delegado da 5ª DR. Não quere-

mos a enfermeira do Korogedo Paro (Corgo Grande) para atender no posto, por não saber medicar remédio aos doentes, e também não sabe tratar as pessoas com respeito. E roubo que Arlene da Delegacia 5ª DR - Funai vem fazendo de retirar dinheiro dos aposentados de Corgo Grande, por exemplo, até esses dias os velhos estão aguardando o dinheiro da aposentadoria, então não queremos mais que esse tipo de roubo seja feito. Queremos que Arlene seja tirada da Funai. Outra coisa, se transferi-la para outro posto continuará a mesma coisa; então que seja tirada da Funai.

Protestamos o tratamento da chácara, eles estão dando comida azeda porque a cozinheira morre de preguiça de fazer comida todos os dias; então fazem e guardam comida para ser dado no outro dia. Também o atendimento médico não está sendo bom, porque muitas vezes o médico vem, não fica cinco minutos e volta para a cidade, assim como em outros lugares. Declara o chefe do Planejamento Bororo, representante apoiado por todos, disse que não queremos mais os fazendeiros na reserva, não só em Corgo Grande mas sim em qualquer reserva dos Bororo e outras tribos e não estamos recebendo benefício da renda que o fazendeiro paga para morar em nossa terra. Onde

que o delegado desta 5ª DR. vai com este dinheiro? Agora não aceitamos que morem na reserva pagando imposto de renda para a Funai queremos ter nossa terra para que possamos sobreviver.

Um dos mais importantes, que nós autoridades que assina este documento, que está completamente proibido o delegado da 5ª DR pronunciar que somente ele como delegado pode escolher cacique. E queremos ser claro que quem escolhe cacique é o Conselho Indígena ou a própria comunidade indígena. Também protestamos o chefe de Posto de Tadarimana, conhecido mais por Fermão, o mesmo é culpado de orientar os índios e lideranças para não sair para reuniões e quer encher cabeça dos mesmos com maus hábitos, como bebidas alcoólicas, até mesmo com funcionários daquele posto. O pior é que ele coloca índios contra outro; no caso de quem morava em Tadarimana e saíram por causa da aticassão desse homem que não merece confiança. Na oportunidade queremos juntos pedir que ela saia de lá. Já não basta o roubo que ela cometeu? Mas acreditamos que o próprio delegado fez esforço para que ela voltasse e é um grande prazer dizer o nome dela, er-ta, cujo a mesma não merece ter nome malúsculo porque

uma grande vergonha, não queremos que ela dê aula para os nossos filhos porque pode ensinar a cometer erros como a si mesmo.

São estas coisas que não queremos que saiam, ou seja, que não repitam novamente. E queremos substituição, aliás, tirar da Funai. Assim pelo menos o nome da Funai seja um pouco mais considerado por nós líderes Bororo e outros índios deste País. Já chega de tantos erros que são cometidos e pedidos que são feitos por nós e não sermos atendidos. Agüentamos muitos anos, pois agora iremos reagir e unirmos aos outros que sofrem como nós. Fomos muitas vezes espoliados e também matado, porque a Funai não resolve o que sempre apelamos.

Nós apoiamos muito o Francisco, chefe de posto de Corgo Grande, porque sempre participa de nossa luta, trabalho justo que ele vem realizando, já foi até preso mas está trabalhando correspondendo o seu justo salário. Apoiamos também a Dona Maria Irmã que dá aula para nossos filhos. Tem vez que ela mesma que compra merenda para nossos filhos. Onde está recurso para a merenda escolar: o delegado manda para os seus filhos, sobrinho e outros?

Então esperamos ser mais claro com o que vem sucedendo entre nós: queremos nossa terra

para simples sobrevivência e trabalhar porque não somos nenhum preguiçosos, então queremos funcionários bons que trabalhe como deve ser trabalhado. Quanto ao órgão da Funai não temos nada que propor, porque se o órgão terminar, quem poderá dar essa assistência para esta comunidade? Agora, se continuar a mesma coisa, ai teremos apelar contra o próprio órgão. Dizemos isso porque tem alguns na Funai que quer trabalhar mesmo, como a Irmã que é professora em Korogedo Paro (Corgo Grande). Queremos de agora em diante levar nossos trabalhos de liderança Bororo de toda reserva estar junto para luta maior. E escolhemos para dar continuidade desta luta o índio Bororo Paulo Meriekureu, da reserva Meruri, e seus membros para toda reserva existente no estado de Mato Grosso.

Pelo presente, os líderes, ou seja cacique e representantes da reserva participante assina, Salu Kowoaogeeceu, cacique de Perigara; Valentim Metiadugo, cacique de Korogedo Paro; Henrique Atruagaro, representante de Tadarimana (apoiado pelo cacique Aduogore); Batista Worubareu, cacique de Sangradouro; Eneldino Kugocereu, cacique de Meruri; e Paulo Meriekureu, chefe do Departamento de Planejamento Bororo.